

PENSAR A CRÍTICA: DIÁLOGOS SOBRE A TEORIA LITERÁRIA E A LITERATURA

Rousiene da Silva Gonçalves¹

RESUMO

A crítica literária estabeleceu-se como um discurso que, ao julgar as obras desde os princípios e conceitos teóricos formalistas, ou mesmo os pressupostos linguísticos estruturalistas em busca de uma gramática da literatura, analisando-as objetivamente, ou ainda a tentativa de analisá-las de acordo com determinados elementos, à luz da crítica feminista, psicanalítica, genética, estilística e outras abordagens, aproxima-se do comentário sobre outro discurso limitando o seu acaso, pois os aspectos encontrados num texto servem para justificar as categorias existentes em outros, pressupondo uma universalização da literatura. Obviamente, a influência que um texto exerce sobre outros torna possível que as mesmas categorias sejam encontradas em obras diversas de autores diferentes, mas nem todas as obras podem ser analisadas como exemplos que reforçam e repetem conceitos. É possível que, em muitos casos, a abordagem escolhida sobreponha-se à obra e o crítico exerça sobre a crítica um papel semelhante ao do autor sobre a obra, não só pela tentativa de nivelamento pela repetição e pelo mesmo, retomando o texto, mas pelo jogo de identidade na forma de um eu. Princípio do comentário e, ao mesmo tempo, do autor, na crítica literária, conferindo autoridade no interior de um discurso e deste sobre outro. Que papel a crítica literária exerce sobre a poesia contemporânea? Ou melhor, que crítica literária dialogaria com algumas obras contemporâneas e como dialogaria? Este trabalho intenciona refletir sobre a análise literária numa perspectiva que esfacela os interditos criados por algumas abordagens e, ao mesmo tempo, pensá-la como um diálogo aberto entre a filosofia e a poesia, a partir de questões suscitadas pelos poemas de Civone Medeiros estabelecendo relações com textos de Foucault, Piglia e Blanchot. A análise literária emerge no limite entre a obra e o comentário, a unidade dissolve-se, numa linguagem dispersa, que encerra em si mesma outra coisa.

Palavras-chave: Crítica Literária. Poesia contemporânea. Teoria. Diálogos.

RESUMEN

La crítica literaria se estableció como un discurso que, al juzgar las obras desde los principios y conceptos teóricos formalistas, o mismo los presupuestos lingüísticos estructuralistas en busca de una gramática de la literatura, analizándolas objetivamente, o aún el intento de analizarlas de acuerdo con determinados elementos, a la luz de la crítica feminista, psicoanalítica, genética, estilística y otras abordajes, acercase del comentario sobre otro discurso limitando su acaso, pues los aspectos encontrados en un texto sirven para justificar las categorías existentes en otros, presuponiendo una universalización de la literatura. Obviamente, la influencia que un texto ejerce sobre otros vuelve posible que las mismas categorías sean encontradas en obras diversas de autores diferentes, pero ni todas las obras pueden ser analizadas como ejemplos que refuerzan y repiten conceptos. Es posible que, en muchos casos, el abordaje elegida superpóngase a la obra y el crítico ejerza sobre la crítica un papel semejante al del autor sobre la obra, no solo por el intento de nivelación por la

¹ Doutoranda em Literatura Comparada pelo Programa de Pós Graduação de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); e-mail: rousi_g@hotmail.com.

repetición y por el mismo, retomando el texto, pero por el juego de identidad en la forma de un “yo”. Principio de comentario y, a la vez, del autor, en la crítica literaria, confiriendo autoridad en el interior de un discurso y de este sobre otro. ¿Qué papel la crítica literaria ejerce sobre la poesía contemporánea? Mejor diciendo, ¿qué crítica literaria dialogaría con algunas obras contemporáneas y cómo dialogaría? Este trabajo tiene la intención de reflexionar sobre el análisis literario en una perspectiva que deshace los interdictos creados por algunos abordajes y, al mismo tiempo, pensarlo como un diálogo abierto entre la filosofía y la poesía, desde las cuestiones levantadas por los poemas de Civone Medeiros estableciendo relaciones con textos de Foucault, Piglia y Blanchot. El análisis literario emerge en el límite de la obra y del comentario, la unidad se disuelve en un lenguaje disperso, que encierra en él mismo otra cosa.

Palabras clave: Crítica Literaria. Poesía contemporánea. Teoría. Diálogos.

1. INTRODUÇÃO

O que é literatura? Pergunta aberta. Em *Linguagem e literatura*, Foucault (2001) assemelha a formulação desta questão ao próprio ato de escrever. Afirma, ainda, que não é uma questão de crítico, de historiador ou sociólogo a respeito de um fato da linguagem. Célebre, esta pergunta esteve por muito tempo colocada como tendo a origem na própria literatura, mas Foucault questiona se a literatura nasce com a linguagem, ou seja, no momento em que determinadas obras, que são atualmente consideradas literárias, foram criadas, aquilo não era ainda literatura.

Este posicionamento nos mostra que há uma relação entre literatura e a linguagem que mobiliza esta questão, fato da linguagem, desvio, deslocamento e, ainda, uma relação no tempo que nos faz pensar que, quando uma obra é criada, a depender da relação que se estabeleça com a linguagem, pode ou não ser considerada literatura, daí o fato de que determinadas obras sejam literárias apenas anos, décadas depois de sua criação.

Para visualizar melhor esta relação, distingue a linguagem, a obra e a literatura. A linguagem seria um sistema que estabelece a compreensão quando nos comunicamos, a obra seria algo que se imobiliza dentro da linguagem e que constrói um espaço próprio, e, a partir daí, erige-se. A literatura é o vértice por onde passa a relação entre a linguagem e a obra, nem uma e nem outra, mas um terceiro. Relação em princípio passiva, se tomarmos por um acolhimento da linguagem corrente, isto na época clássica, relação que, por volta do séc. XIX, torna-se profunda e, ao mesmo tempo, ativa.

Foucault retoma o triângulo no qual a literatura é o vértice para situar sua preocupação na dispersão de origem onde a obra, a literatura e a linguagem se ofuscam entre si, criando uma emanção tal que algo dela poderemos captar. Chama a atenção para que a literatura,

antes de ser considerada como um fato de linguagem, é algo que se afasta dela, uma *fábula de uma linguagem de ausência*. A partir disso, admite ser possível um discurso sobre a literatura, porém, diferente do que já foi realizado.

A perspectiva histórica construiu-se ao perceber uma relação de sucessão em que uma obra, de alguma forma, nega ou transgredir a anterior mas, a partir do século XIX, tal historicidade não está no campo da negação entre as obras, mas da própria literatura, recusa da literatura dos outros, do direito dos outros de fazer literatura, contestar a própria literatura e a recusa do seu assassinato.

Há um duplo, a transgressão e o sinal, repetição contínua e, neste duplo, transgressão e passagem para além da morte, interdito e biblioteca abrem espaço da literatura, linguagem submetida à lei do duplo, em que nunca irá encontrar-se definitivamente com a obra e, por este distanciamento, a obra é um espaço que Foucault resolve chamar de simulacro e que ganha existência no livro. A partir de tais delimitações, Foucault retoma a questão inicial: é possível falar de literatura? Caso sim, a partir de qual horizonte?

O vazio que é deixado pela literatura autoriza ao infinito o que pode ser dito sobre ela, essa linguagem segunda: a crítica. No momento em que os atos de crítica se multiplicam, a mesma desaparece, pois a proliferação destes atos surge nos romances, filosofias e outros gêneros. Para Foucault, é possível encontrar atos críticos nos poemas de Char e em Blanchot. A crítica literária estabeleceu-se como um discurso sobre uma obra primeira, diríamos, uma mediação hierarquizante entre a literatura e público, enfatizando o gosto do crítico, o julgamento sobre a obra, porém, Foucault observou a busca pela objetividade da crítica, aproximando-se da positividade científica. Ao mesmo tempo, evidencia o interesse pela escrita dos escritores e tornando-se ela mesma um ato de escrita. Segunda, mas não melhor, não hierarquizante. Mais um paradoxo: Linguagem primeira e segunda?

Ao apresentar duas formas de crítica possíveis, sendo a primeira a ciência das repetições formais da linguagem ou retórica, a segunda seria a análise das identidades, das mudanças de sentidos na pluralidade das línguas, aponta-nos para uma terceira forma, a análise da implicação da obra em si mesma, aplicada por Barthes, por exemplo, e que inicia uma reflexão próxima à filosófica.

Os questionamentos de Foucault nos levam a pensar na relação entre filosofia e literatura não como mera colonização da literatura pela filosofia, aplicando-lhes, assim como a teoria literária, as categorias pré-existentes ou utilizando o texto literário para exemplificá-las, mas como outro gênero que se instaura, que não é crítica, nem literatura, nem filosofia.

Filosofia literária ou crítica filosófica? Talvez não importe buscar as formas, buscar novas categorias, mas pensar como o diálogo com a obra pode tornar-se sempre começo, texto que desdobra. Libertação do sentido que mais do que explicar a obra, impossibilita a crítica, tão imóvel e dispersa que aquilo que buscamos chamar de literatura.

2. A TEORIA LITERÁRIA: FORMULAÇÕES SOBRE A OBRA?

O formalismo Russo e a nova crítica surgem entre 1915 e 1950 pautadas nos estudos da materialidade do texto literário, preocupam-se em investigar e explicar o que faz de uma obra ser literária e negam a abordagem historiográfica e a tradição crítica elegendo o texto literário como o limite privilegiado das reflexões, para Schanaiderman (1976), a filosofia, a sociologia, a psicologia, etc. não poderiam servir de ponto de partida para a abordagem da obra, o que importa é o princípio de organização da obra como produto estético. A nova crítica definiu-se mais tarde como um movimento que, embora plural, está de alguma forma contra as preocupações com elementos biográficos, psicológicos ou históricos.

As duas correntes negam elementos ligados à recepção do texto, ou seja, ao mesmo tempo em que apresentam uma tentativa de objetivação da leitura obscurece o terreno do crítico, a sua própria recepção da obra, acreditando que, assim como alguns estruturalistas, a forma e a estrutura contribuem exclusivamente para o significado. Esta era a noção de que a obra teria um significado que poderia se compreendido, pelo menos parcialmente, pela análise literária. Barthes (1968) *apud* Bonnici (2009) publica *A morte do autor* rejeitando a noção tradicional de autor como origem do texto, fonte de sua interpretação e desloca o processo de interpretação para o leitor, cria cinco códigos que determinam a legibilidade do texto narrativo e, com isto, cria (ainda considerando a recepção) novamente uma espécie de mediação teórica pela qual o crítico poderia analisar a obra. (BONNICI, 2009). As críticas feministas, psicanalíticas, pós-colonialistas e tantas outras, ao estudar os textos literários, elencaram conceitos operatórios como alteridade, falocentrismo, enigma, geno-texto (semiótico) em oposição ao feno-texto (simbólico), Outro (hegemônico), outro (marginalizado), enfim, conceitos que funcionam mais ou menos como categorias que possibilitam ao crítico uma análise possível. Ao mesmo tempo, alguns diálogos entre a filosofia e a literatura podem recair no mesmo movimento se conceitos filosóficos forem utilizados para explicar a literatura ou se o crítico, mais preocupado com o pensamento

filosófico de certos autores, buscar na literatura mera exemplificação, na tentativa de reforçar aqueles conceitos.

No que consistiria, então, o diálogo entre a literatura, a filosofia e a crítica literária? O que justificaria a presença do texto filosófico nesta reflexão?

Retomando as considerações de Foucault, há um espaço entre a literatura, a linguagem e a obra que, ao mesmo tempo em que as ofusca, faz com que algo delas nos ilumine e captar esta dispersão cega é ultrapassa o discurso sobre a obra, possivelmente, a partir dela algo se iniciará, porém, pouco talvez seja dito, talvez um texto movediço, um deslocamento no terreno da crítica.

3. QUESTÃO ABERTA

Pensar sobre a crítica literária e seus desdobramentos sobre a análise do texto poético leva-nos a uma reflexão sobre o valor, este que Piglia (2001) aponta desaparecer desde o formalismo russo, quando saímos da crítica como opinião pessoal aparecem as relações entre crítica e marxismo, crítica e psicanálise, crítica e linguística, por exemplo, e o valor é desconsiderado do debate, porém, está implícito, manifesta-se de outra forma. Piglia (2001) apresenta então o caso de Borges como uma crítica valorativa, mas como se dá este valor? Apresenta então um debate sobre as poéticas, considerando-as como as condições de recepção de uma obra e, por outro lado, contra determinados clichês, padrões estereotipados de leitura e mostra a maneira de Borges realizar a crítica muito peculiar, pois levanta implicitamente discussões sobre margem, limites, que entraram posteriormente na academia e que não legalizam a crítica de Borges, mas apontam tendências da crítica acadêmica. Uma crítica que é também literatura.

Em **Tlön, Uqbar, Orbis, Tertius**, Borges (1999) joga com as possibilidades de fazer a crítica que, ao mesmo tempo, é poética. Tlön é um planeta desconhecido, porém, infinitamente descritível, embora os objetos da apreensão não sejam visíveis. Assim, todas as doutrinas filosóficas de Tlön começam e encerram sua busca não na verdade, mas no extraordinário e, por isso, a ficção abarca um único argumento, com todas as permutações imagináveis, de único autor, intemporal e anônimo. A literatura é um efeito e o absurdo por si basta, embora saiba que o extraordinário não é um efeito do texto, mas do leitor. A metafísica de Tlön funde-se com a literatura fantástica e, embora a metafísica e a literatura sejam visíveis

pelo texto e são apenas ideias, têm seu efeito de absurdo quando percebidas como tais por um determinado leitor.

Mas o que há de absurdamente real no que disseram sobre Tlön? É o modelo, a forma como o descreve. O planeta é relatado minuciosamente, como se o narrador realmente tivesse ido lá e, além de pisado em suas terras, feito uma investigação. O narrador é um viajante e um investigador. A minuciosa descrição do planeta é ao mesmo tempo uma minuciosa investigação. Daí a possibilidade de apreendê-lo. Uma vez que isto não é possível pela visão, a impossibilidade da crítica sobre o texto de Borges é também a possibilidade de descrever o planeta sobre o qual se tenta criar uma ficção, todas são reais porque se dão numa dimensão sem fronteiras, a da imaginação. Assim, Borges estabelece, através da ficção, uma crítica sobre os próprios limites da apreensão de um texto literário e, ao mesmo tempo, das condições de ultrapassar o texto pela via da imaginação. Tlon é a literatura e sua descrição, impossível descrição, o espaço da crítica que não valora mas, ao mesmo tempo, levanta questões.

Pensemos ainda como Blanchot (2002, p. 25) estabelece a relação com o texto poético, em *Uma voz vinda de outro lugar*, evidencia que realiza um comentário e, ao citar Ostinato, de Louis-René de Forêts, enfatiza: “...seria necessário falar dessa obra, mas sem palavras, numa linguagem que me obceca ao me escapar.” Admite ser incapaz de suportar a insuficiência do comentário e de restabelecer o fio condutor entre os elementos daquele discurso e silencia diante desta obra. A questão aberta deixada pelo texto é também a questão do comentário.

5. ESCRITURAS SANGRADAS

Que crítica literária emergirá a partir de Escrituras Sangradas? Livro produzido em 1999, em Natal, em forma de encarte, por uma artista potiguar, viva. Esta artista é Civone Medeiros.

Sua arte, considerada contemporânea, ultrapassa o texto poético escrito e encontra-se nos limites da arte visual, poesia, performance. A autora define-se como artista em uma relação estreita entre arte e vida, ora atuando na cidade como ativista, ora comercializando suas obras. O trabalho, propondo-se inicialmente como uma aproximação entre a filosofia e a literatura, correu o risco de reduzir-se à mera exemplificação de conceitos filosóficos de autores que, aparentemente, estabeleciam algum diálogo com a poesia de Civone e que, mais tarde, tais conexões não se sustentavam. Seus poemas não são apreendidos por uma

abordagem crítica que, a partir de categorias previamente estabelecidas, poderiam servir para análise, pois no decorrer das leituras, várias questões são abertas de forma que o próprio texto suscita diálogos constantes com outros textos que não são, necessariamente, teóricos, mas literários, filosóficos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os poemas de Civone analisados durante a pesquisa levantam questões que dialogam, além de outros textos, com pensamentos filosóficos de Bachelard, Barthes, Foucault, Blanchot, Piglia e outros autores sem torná-los meras teorias para analisar e reduzir, mais uma vez, um discurso ao outro.

Possivelmente as questões levantadas aqui, mais que uma resposta suscite, ao menos, uma atitude diante da literatura na qual o crítico, menos que se posicionar, permita ser questionado pela obra e que cada questão seja ofuscante e iluminada por esta abertura em que ele, ao mover-se na obra, instaura o seu próprio movimento de escrita, quiçá, talvez, movediço.

REFERÊNCIAS

BLANCHOT, Maurice. **Uma voz vinda de outro lugar**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lucia Osana. (org.) **Teoria Literária**. Abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2009.

BORGES, Jorge Luis. Tlön, Uqbar, Orbis, Tertius. In: **Jorge Luis Borges: obras completas**. São Paulo: Globo, 1999.

FOUCAULT, Michel. Linguagem e Literatura. In: MACHADO, Roberto. **Foucault, a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

PIGLIA, Ricardo. **Crítica e ficção**. Barcelona: Editorial Anagrama S. A., 2001.

SCHNAIDERMAN, B. Prefácio. In: EINKHENBAUM, B. et al. **Teoria da literatura: formalistas russos**. Porto Alegre: Globo, 1976, p. ix-xxii.